

VOCAÇÃO PARA O MINISTÉRIO

Auscultando as Escrituras

Martin Weingaertner, Curitiba

Foi-me proposto refletir sobre “Vocação para o ministério - Um olhar a partir da Escritura”, tema que nos confronta com duas dificuldades sobre as quais deveremos conversar preliminarmente:

QUESTÕES PRELIMINARES

1. Um olhar a partir da Escritura?

Início perguntando, se é possível um olhar a partir da Escritura. Poderá alguém em pleno século 21 olhar a partir da perspectiva do 1º século da Era Cristã? Por mais que a aspiremos, a façanha entrar no túnel do tempo não está ao nosso alcance! Nossas tentativas de olhar a partir da Escritura sempre acabam sendo um olhar para ela. Apenas podemos fazê-lo na esperança de que nosso horizonte, separado por dois milênios, se encontre com o dela! E, que desse encontro resulte algum aprendizado. Aprendizado este que metodologias hermenêuticas e técnicas exegéticas não podem garantir. Ele sempre foi, é e será obra do Espírito Santo. Somente Ele pode gerar o que o filósofo Gadamer chamou de “fusão de horizontes”. Só o Espírito faz saltar faíscas da Escritura e incendiar nossa realidade. Isto sempre foi assim, inclusive com aqueles que presenciaram os acontecimentos, como mostra o relato dos discípulos que caminhavam para Emaús (Lc 24,13-35).

Assim, antes de mais nada convido vocês a clamar pela ação do Espírito. Que ele nos presenteie com sua intermediação; que o seu sopro faça as cordas vocais da Escritura falar e os nossos tímpanos, ouvir. Por isto modifiquei a formulação da segunda parte do tema para “Auscultando as Escrituras”.

2. O que entendemos por vocação para o ministério?

A segunda questão preliminar é relativa ao que entendemos por “Vocação para o ministério”, ou, na nomenclatura denominacional da IECLB, por vocação para o 'ministério com ordenação'. Quem sonda as profundezas do mar com um sonar precisa ter consciência dos ruídos à sua volta. Do contrário irá confundir-los com ecos das profundezas! De modo semelhante só a consciência dos nossos pressupostos permitirá discernir os ruídos contemporâneos da voz das Sagradas Escrituras. Do contrário apenas leremos nelas a confirmação do que pensamos e fazemos. Por isto é imprescindível clarear a realidade subentendida quando falamos em ministério.

1. O milenar ministério 'clerical'

Não se pode negar que esse assunto sofreu abalos. Como a cidade de Concepción no Chile no terremoto recente, o chão no qual o 'clero' estava plantado por mais de um milênio, se deslocou e continua se movendo. Em consequência as referências do passado deixam de funcionar e, até, potenciaram a crise. A Igreja Romana já vive uma “crise de vocações” há décadas com o esvaziamento de seus seminários. Parece que essa crise, agora, chegou a nós... Isto não é mera coincidência, pois no assunto 'ministério' comungamos mais com a Igreja Católica do que imaginamos. Ainda que a Reforma tenha ensinado o sacerdócio geral de todos os crentes, as igrejas dela decorrentes continuaram o regime clerical formatado pela Idade Média.

Sociologicamente as funções do padre e do pastor luterano pouco diferem. O termo alemão “Pfarrer” ainda preserva a semântica de “*senhor (feudal) da paróquia*”, *uma circunscrição*, a quem os súditos leigos devem *homenagem*, reverência. Isto não é mera semântica da gênese num passado remoto. Como na sociedade, também na igreja *ministério* e *ministro* significam posição de mando, não de serviço. Até no jogo de xadrez os bispos, não estão entre os peões, mas ladeiam rei e rainha. O clero rege a instituição igreja, não importa a denominação. Assim “ministério” é função hierárquica na qual alguém é efetivado pelo rito feudal da ordenação nas igrejas 'históricas', pela “unção” nas igrejas pentecostais, pela contratação nas “franquias eclesiásticas” ou, ainda, por uma combinação desses ritos.

Essa semelhança dos ministérios também se estende à vocação! O reduto de vocações na Igreja Católica eram as grandes famílias originárias da imigração italiana, alemã e polonesa. Nelas ter filho padre e filha freira era boa tradição. Na IECLB famílias de pequenos agricultores desempenharam papel semelhante. No entanto, a urbanização dos últimos 50 anos modificou esses redutos de vocações: o planejamento familiar reduziu o número de filhos disponibilizáveis para a igreja e o convívio urbano a privou da projeção social, além de aumentar as opções de formação profissional.

Ainda outro fator afeta o ministério eclesiástico como ficou evidente na crise gerada pelos padres pedófilos. Numa carta de 1985 quando cardeal, Bento XVI sugeriu postergar a remoção dum padre pedófilo em consideração ao “bem da Igreja Universal”¹. Com o esvaziamento de seminários já em cur-

1 <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/8612596.stm> : Text of Pope 'letter' - Pope Benedict XVI has become embroiled in new revelations over child sexual abuse, over a letter he is said to have signed in 1985 before he became Pope. Associated Press (AP) said it had obtained the letter to Oakland Bishop John S Cummins, signed by Cardinal Joseph Ratzinger, resisting the defrocking of an offending priest. The following is a translation of the letter, from its original Latin, to English, provided by AP. The Vatican has reportedly confirmed Cardinal Ratzinger's signature:

Most Excellent Bishop

Having received your letter of September 13 of this year, regarding the matter of the removal from all priestly burdens pertaining to Rev Stephen Miller Kiesele in your diocese, it is my duty to share with you the following:

This court, although it regards the arguments presented in favour of removal in this case to be of grave significance, nevertheless deems it necessary to consider the good of the Universal Church together with that of the petitioner, and it is also unable to make light of the detriment that granting the dispensation can provoke with the community of Christ's faithful, particularly regarding the young age of the petitioner. It is necessary for this Congregation to submit incidents of this sort to very careful consideration, which necessitates a

so é compreensível que o cardeal hesitasse em perder mais vocações. Esse encaminhamento era, então, “normal”, porque o direito do clero a foro especial não era questionado. Afinal, desde a Idade Média clérigos eram julgados por seus pares e em segredo de justiça. Mas, em uma geração, esse cenário mudou. A crítica restrita ao debate filosófico no século XIX (Feuerbach, Nietzsche) e, à colunas de jornais no século XX, ganhou as ruas pela mídia. A mordaz crônica “Funcionários da fé” escrita em 1924 por Mencken² não teve a repercussão que teria hoje. Na urbe secularizada a igreja perde regalias. Não há mais tolerância para foros especiais e nem para a transferência de “problemas” a outras jurisdições. Além disto, a igreja perdeu autoridade como registra Luiz Fernando Veríssimo. Ele descreve a crise “...do poder que a religião tem sobre seus fiéis, para o bem ou para o mal, expressa na imagem do pastor guiando seu rebanho, mas sem nenhuma garantia do caráter do pastor”³ Em resumo a vocação para clérigo perdeu seu glamour, privilégios e credibilidade e se vê sob suspeita crescente.

2. Vocação para um ministério “free-lance”

Um segundo modelo de vocação se dá para um ministério “free-lance”. É preciso distingui-lo da vocação “ministerial” tradicional, pois se dá em outro cenário. Quero ilustrá-lo brevemente na trajetória de Edméia Williams, filha de imigrantes da Guiana Inglesa, negra, carioca, psicóloga de formação. Redescobriu o Evangelho nos anos 80 no Iraque, onde seu marido dirigia a Braspetro, a filial da Petrobras. De volta ao Brasil passou a frequentar uma igreja evangélica. Num domingo, ao sair do estacionamento da igreja, o carro da família respingou água de uma poça numa menina que vendia doces na

longer period of time. In the meantime your Excellency must not fail to provide the petitioner with as much paternal care as possible and in addition to explain to same the rationale of this court, which is accustomed to proceed keeping the common good especially before its eyes.

Let me take this occasion to convey sentiments of the highest regard always to you.

Your most Reverend Excellency

Joseph Cardinal Ratzinger

2 MENCKEN, Henry Louis: **O Livro dos Insultos**, Ed. Schwarcz, São Paulo, 1988, pg. 57-59

3 VERÍSSIMO L. F.: **Gazeta do Povo**, Curitiba; 31.03.2010

“Certos fatos são como os círculos concêntricos que se formam quando a proverbial pedra cai no proverbial lago. Têm um significado imediato e têm as conotações que se alastram, com significados cada vez maiores. Essa questão dos padres pedófilos, por exemplo. No seu centro há o drama individual de um homem e sua compulsão doentia, e das suas vítimas.

O significado seguinte é o da condição anti-natural do homem, obrigado ao celibato ou condenado à hipocrisia, que se vale da presunção de inocência que o voto de castidade lhe dá para praticar seu vício.

Outro significado maior é o do poder que a religião tem sobre seus fiéis, para o bem ou para o mal, expressa na imagem do pastor guiando seu rebanho, mas sem nenhuma garantia do caráter do pastor.

E se você quiser continuar seguindo estes círculos sucessivos de implicações fatalmente chegará à neurose sobre o sexo que está na base de toda ideia de clausura e renúncia às tentações da carne, e - o círculo seguinte - na base da nossa civilização.

A demonização do sexo e a misoginia são constantes da cultura judaico-cristã e o islamismo não fica atrás, com suas regras de abstinência e sua sonegação à vista pública de qualquer parte do corpo feminino.

O celibato protege o padre do contágio do mal pelo contato com a mulher, descendente de Eva, a primeira desencaminhadora. Os padres pedófilos, com sua preferência por meninos, poderiam muito bem alegar que sucumbiram a demônios menores.

O último dos círculos irradiados tem a ver com a Igreja e seus costumes, como a demora em reconhecer seus erros. Entre o acobertamento e a omissão, a hierarquia da Igreja tem muito a ver com os crimes praticados por seus sacerdotes, que destruíram a vida de tanta gente. Mas nada disto afetará sua majestade. Ela sobreviveu à Inquisição, à perseguição aos judeus, à resistência obscurantista a todas as revelações da Ciência e à cumplicidade com tiranos, e pediu desculpas. Ainda hoje dita o comportamento sexual de milhões de pessoas, apesar da sua posição retrógrada na questão dos anti-concepcionais, mas um dia pedirá desculpas por isto também. E pela sua responsabilidade nas vidas destruídas. O que é eterno não precisa ter pressa.”

calçada. Esta perdeu o equilíbrio e seus doces caíram na poça. Dona Edméia foi fulminada pela cena. Ela conta que “enquanto meus filhos discutiam em que restaurante chique iríamos almoçar, aquela menina perdia mais do que o seu almoço daquele dia. Pedi ao meu marido para parar, mas ele tinha pressa...” No dia seguinte Edméia voltaria à igreja para perguntar ao porteiro, de onde viera aquela menina. Quando esse apontou para o Morro da Dona Marta aos pés do Corcovado, Edméia viu aquela favela pela primeira vez. Instantaneamente soube que Deus a chamara para lhe servir lá. Entrementes está nessa favela há 18 anos. Dirige a casa Maria e Marta, uma ONG, que acolhe diariamente 190 crianças no contra-turno escolar.

Essa vocação para um ministério “free-lance” não é tão nova assim, não! O conde Nikolaus von Zinzendorf (1700-1760) certamente é o vocacionado luterano mais conhecido desta estirpe. O norueguês Nils Hauge (1771-1824) também se insere nela. Não poucas organizações missionárias tiveram sua origem em experiências de vocação fora das estruturas eclesiais do seu tempo. No âmbito da IECLB me parece que o exemplo mais conhecido, hoje, seja o casal Cláudio e Lorita Genhardt de Ivoti que há oito anos exercem em tempo integral o “Ministério Família Cristã Feliz”.⁴

Leitura de 1 Coríntios 1.1-2

Depois de conscientizarmo-nos da nossa perspectiva, auscultemos as Escrituras a partir de 1 Coríntios 1,1-2:

Paulo, chamado para ser apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e o irmão Sóstenes, à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo e chamados para serem santos, juntamente com todos os que, em toda parte, invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso:⁵

Uma observação quanto à tradução: No texto grego deparamo-nos com três ocorrências do verbo **chamar**: Primeiro Paulo se define como **chamado para ser apóstolo**. Depois, ele se reporta à **igreja**. Por fim, menciona o propósito deste chamamento: **chamados para serem santos**.

A seguir examinarei esta passagem mais detalhadamente, perguntan-

4 Cláudio escreve que “há mais ou menos 25 anos atrás, Deus o colocou em nossos corações, quando estávamos no extremo sul do Rio Grande do Sul, fazendo palestras ... durante um fim de semana. Quando começamos os preparativos para nossa volta para casa, várias pessoas nos convidavam, insistentemente, para ficarmos mais alguns dias e trazer uma mensagem ... para outras famílias. Como na época ainda dependíamos de nosso trabalho secular (uma casa de negócios) e nossos filhos ainda eram pequenos e frequentavam a escola e necessitavam de nossos cuidados não pudemos aceitar o desafio e voltamos para casa. Mas este convite mexeu muito comigo (Cláudio) e no caminho propus à minha esposa (Lorita): “Que tal quando eu me aposentar, a gente viajar por este Brasil proferindo palestras e quem sabe dirigir alguns retiros. Ficar nas igrejas um tempo determinado e depois voltar.” A resposta da Lorita ainda ecoa em meus ouvidos: “Eu topo!”. Imediatamente parei o carro e colocamos diante de Deus esta nossa proposição. E, durante 17 anos nós oramos diariamente colocando nosso desejo de servir ao Senhor em tempo integral.” Fonte: <http://www.mfcfeliz.com.br/index.asp?ch=quem> consultado em 4/05/2010

5 Bíblia, Nova Versão Internacional, 2000, Ed. Vida, São Paulo

do: quem chama?, quem é chamado?, de onde e para que é chamado? e como entender o chamado específico?

O que as Escrituras entendem por chamado?

1. Quem está a chamar?

Paulo não deixa margem para dúvidas: foi *chamado para ser apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus*. A vocação da qual o apóstolo fala não é fruto da sua imaginação, nem produto do seu meio, mas resulta de uma intervenção do próprio Deus. É na perspectiva desta intervenção de fora que a vocação é retratada em toda a Bíblia. Deus sempre chamou o ser humano. Em Gênesis 3,9 lemos que depois da queda o *Senhor Deus chamou o homem, perguntando: “Onde está você?”* Isaías expressa seu propósito de maneira comovente:

Mas, agora assim diz o Senhor, aquele que o criou ó Jacó, aquele que o formou, ó Israel: “Não tema, pois eu o resgatei; eu o chamei pelo seu nome, você é meu. Quando você atravessar as águas, eu estarei com você; quando atravessar os rios, eles não o encobrirão. Quando você andar através do fogo, não se queimará; as chamas não o deixarão em brasas. Pois eu sou o Senhor, o seu Deus, o Santo de Israel, o seu Salvador; dou o Egito como resgate para livrá-lo, a Etiópia e Sebá em troca de você”⁶

Assim o chamado é ação soberana de Deus que *resgata do domínio das trevas e transporta para o Reino do seu Filho amado em quem temos redenção, a saber, o perdão dos pecados* (Cl 1.13s.). Para chamar alguém Deus pode recorrer a pessoas como fez quando Elias chamou Eliseu (1Rs 19.19s.). No entanto, quando, mais tarde, esse pediu para Elias confirmá-lo como seu sucessor, a resposta deste evidencia que isso não é da alçada humana. Tampouco pode-se reverter a vocação. Em Atos 9 Ananias tenta anular o chamado, ao seu ver, equivocado de Saulo: *Senhor tenho ouvido muita coisa a respeito desse homem e todo o mal que ele tem feito aos santos...* Mas a resposta que recebe do Senhor é curta e grossa: *Vá! Este homem é meu instrumento escolhido...* (At 9.13,15).

Em resumo: é somente Deus quem chama. Ele não delega o chamado e nem admite assessorias. A vocação é intervenção do alto que invade nossa realidade. No convite de Jesus esse chamado transcendente se encarnou: *Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o seu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve* (Mt 11.28s.).

6 Isaías 43.1-3

2. Quem é chamado por Deus?

Paulo dirige-se à *igreja*, aos chamados para fora, em Corinto. Era um grupo pequeno, meia centena de pessoas, talvez. O apóstolo os lembra que dentre eles *poucos eram sábios segundo os padrões humanos; poucos ... poderosos; poucos ... de nobre nascimento. Mas que Deus escolheu o que para o mundo é loucura... fraqueza... insignificante... desprezado e o que nada é* (1Co 1.26ss). Esse é o perfil dos chamados!

Mesmo que o termo *igreja* seja específico ao Novo Testamento, toda narrativa bíblica traça um perfil semelhante dos chamados. Mencionarei apenas três exemplos do Antigo Testamento: Abrão, um *arameu errante* (Dt 26.5), é chamado: *“Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei”* (Gn 12.1). Moisés é chamado do sua auto-exílio de quarenta anos, depois de fracassar no seu projeto político: *... do meio da sarça Deus o chamou: 'Moisés, Moisés!' 'Eis me aqui', respondeu ele.* (Ex 2.4). Amós diz que foi tirado da sua lavoura: *Eu não sou profeta nem filho de profeta, apenas cuido de gado e faço colheita de figos silvestres. Mas o Senhor me tirou do serviço e me disse: “Vá, profetize a Israel, o meu povo!”* (Am 7.14s.)

Ainda que invasivo e impactante o chamado não atropela, nem se impõe sem consentimento. Ao ouvir a *voz do Senhor, conclamando: “Quem enviarei? Quem irá por nós?”* Isaías respondeu: *“Eis-me aqui. Envia-me!”* (Is 6.8). E, mesmo sendo pessoal e intransferível, o chamado não gera individualismo. Não isola, pois visa todo povo: *De longe tragam os meus filhos, e dos confins da terra as minhas filhas; todo o que é chamado pelo meu nome, a quem criei para a minha glória, a quem formei e fiz”*⁷

Esse chamado não é motivado pelas qualidades de quem é chamado! Por isso Isaías gritou: *Ai de mim! Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros...* (Is 6.5). Pelo mesmo motivo é dito ao povo de Israel: *Portanto esteja certo de que não é por causa da sua justiça que o Senhor, seu Deus, lhe dá esta boa terra..., pois você é um povo obstinado!* (Dt 9.6). E, na sua encarnação, Jesus demonstrou definitivamente esse agraciamento de quem não o merece. Ele declarou: *Pois eu não vim chamar justos, mas pecadores* (Mt 9.13). E pecador é tanto quem, como *Zaqueu*, ignora a vontade de Deus e, interesseiro, compactua com exploradores; como Saulo que confia em sua piedade por ser *circuncidado no oitavo dia de vida, pertencente ao povo de Israel, ... quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na Lei, irrepreensível* (Fp 2.5s.), que. Portanto, *ninguém pode vangloriar-se*

7 Isaías 43.1,6s.

por Deus chamá-lo (1Co 1.29) pois todos são chamados sem o merecer.

3. De onde e para que é chamado?

Paulo lembra os irmãos em Corinto do *que eram quando foram chamados* e aponta para a condição social da qual Deus os tirara. Agora, *por iniciativa dele eles estão em Cristo Jesus, o qual se tornou sabedoria de Deus para eles, isto é, justiça, santidade e redenção* (1Co 1.26-30). Aos gálatas o apóstolo descreve a realidade da qual são chamados, não em termos sociológicos, mas, éticos: *A vocês, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, que se entregou a si mesmo por nossos pecados a fim de nos resgatar desta presente era perversa...* (Gl 1.1s.). E na carta aos Colossenses o enfoque é espiritual: *Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados.* (Cl 1.13s). A realidade é a mesma. Esses três enfoques distintos não se contradizem, porque miséria social, perversidade moral e malignidade espiritual estão interconectadas.

Resgatados desta miséria social, moral e espiritual os crentes são santificados em Cristo e chamados para serem santos, (1Co 1.2). Quem *está em Cristo* é santificado, isto é, liberto do mal e colocado no âmbito da presença graciosa e poderosa de Deus e presenteado com sua *justiça, santidade e redenção* (1Co 1.30): a *justiça* de Deus acolhe, perdoa; sua *santidade* transforma o modo de viver de egoísta em altruísta e a *redenção* garante o futuro. Assim *foi para a liberdade que Cristo nos libertou* (Gl 5.1):

Pois o amor de Cristo nos constrange, porque estamos convencidos de que um morreu por todos; logo, todos morreram. ¹⁵E ele morreu por todos para que aqueles que vivem já não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou. ¹⁶De modo que, de agora em diante, a ninguém mais consideramos do ponto de vista humano. Ainda que antes tenhamos considerado Cristo dessa forma, agora já não o consideramos assim. ¹⁷Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas! ¹⁸Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo.⁸

Assim a pessoa chamada recebe um novo horizonte de vida: Quando a mulher que *andava encurvada* e só enxergava a sujeira no chão, é curada por Jesus, ela se endireita e vê Jesus, a face de Deus (Lc 13.10-13). Esse horizonte não é mais terreno, mas celestial, como Paulo escreve aos filipenses: *Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus* (Fp 3.13s.).

8 2 Coríntios 5.14-18

Nessa esperança começa o exercício da nova *cidadania de modo digno do Evangelho* (Fp 1.27). Por isto Paulo insiste que a liberdade compromete: *Portanto, permaneçam firmes e não se deixem submeter novamente a um jugo de escravidão* (Gl 5.1). E recomenda a Timóteo: *Você, porém, homem de Deus, fuja de tudo isso e busque a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão. Combata o bom combate da fé. Tome posse da vida eterna, para a qual você foi chamado e fez a boa confissão na presença de muitas testemunhas* (1Tm 6.11s.).

A realidade é transformada num piscar de olhos, ainda que as circunstâncias continuem as mesmas, como podemos depreender da recomendação Paulo de aos escravos:

*Foi você chamado sendo escravo? Não se incomode com isso. Mas, se você puder conseguir a liberdade, consiga-a. Pois aquele que, sendo escravo, foi chamado pelo Senhor, é liberto e pertence ao Senhor; semelhantemente, aquele que era livre quando foi chamado, é escravo de Cristo. Vocês foram comprados por alto preço; não se tornem escravos de homens.*⁹

E quem foi resgatado por alto preço e chamado para ser santo tem uma única prioridade: *obedecer aos mandamentos de Deus ou a lei de Cristo* (1Co 7.20; 9.21; cf. Gl 6.2). Nessa obediência que provém da fé (Rm 1,5; 16.26) confrontará toda malignidade que aflige do mundo, seja ela social, moral ou espiritual! A esse desafio somente podem corresponder *santos irmãos, participantes do chamado celestial, que fixarem os seus pensamentos em Jesus, apóstolo e sumo sacerdote que confessamos* (Hb 3.1).

4. Como entender o chamado específico ?

O que vimos até aqui se refere a *todos os que, em toda parte, invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo*. Precisamos clarear agora como um chamado específico se relaciona com o vimos até aqui. Nisto é instrutivo entendermos como Paulo entende o seu próprio chamado. Ele se sabe *chamado para ser apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus*.

1. Chamado para ser apóstolo

Para entender o que significa o *chamado para ser apóstolo* é importante não transliterar, mas traduzir o termo grego. *Apóstolo* significa 'enviado, emissário'. Não é um cargo na hierarquia da igreja, mas uma incumbência recebida de Deus. Descreve a tarefa de *chamar dentre todas as nações um*

⁹ 1 Coríntios 7 21ss. João Moreira Salles registra com impressionante realismo e experimenta libertação no extrato inferior da sociedade no seu documentário Santa Cruz (Videofilmes, 2000) "durante nove meses, ... acompanha a instalação de uma pequena igreja pentecostal em uma área invadida na quase intransitável e inacessível periferia de Santa Cruz, na Baixada Fluminense" (Clara Mafra, Santa Cruz: Review, <http://www.google.com.br/search?q=Document%C3%A1rio+Santa+Cruz&ie=utf-8&oe=utf-8&aq=t&rls=com.ubuntu:pt-BR:oficial&client=firefox-a> consultado em 28/05/2010.

povo para a obediência que vem pela fé (Rm 1.5). Paulo descreve sua função como a de *representante*, de *embaixador de Cristo*, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por seu intermédio (2Co 5.20). Assim Paulo se sabe um *cooperador de Deus* (*synergós* = *colega de trabalho* - 2Co 6.1). Tanto a dignidade e como a autoridade do enviado não reside nele próprio, mas em quem o enviou!

Também é importante perceber que Paulo ainda descreve sua função com outros conceitos, impedindo, assim, o engessamento dela. Por isto afirma que Deus o *capacitou para ser ministro* (= *diákonos*), o servo que atua dentro de casa, ajudante.¹⁰ Pede que o *considerem como servo de Cristo* (= *hyperétes*, um ajudante de ordens, um escravo que rema galés obediente ao rufar do tambor), e como *encarregado dos mistérios de Deus* (= *oikónomos*, administrador, caseiro; 1Co 4.1). Diversas vezes ele se apresenta como *servo de Jesus Cristo* (= *doýlos*, escravo).¹¹ Todos estes termos descrevem submissão a um senhor e não tem conotação especificamente religiosa. Aliás Paulo não se define jamais com funções como sacerdote ou levita.

2. Relação do chamado com os demais cristãos:

Praticamente todos esses termos com os quais se descreve a si mesmo, Paulo também usa para outros que trabalham na obra de Deus. O exemplo mais detalhado encontramos em 1Coríntios 3, onde escreve:

Afinal de contas, quem é Apolo? Quem é Paulo? Apenas servos (=diákonoi) por meio dos quais vocês vieram a crer, conforme o ministério que o Senhor atribuiu a cada um. Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer; de modo que nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento. O que planta e o que rega têm um só propósito, e cada um será recompensado de acordo com o seu próprio trabalho. Pois nós somos cooperadores de Deus; vocês são lavoura de Deus e edifício de Deus. Conforme a graça de Deus que me foi concedida, eu, como sábio construtor, lancei o alicerce, e outro está construindo sobre ele.¹²

No capítulo seguinte Paulo explica porque descreveu tão detalhadamente a relação entre o seu trabalho com o de Apolo:

Irmãos, apliquei essas coisas a mim e a Apolo por amor a vocês, para que aprendam de nós o que significa: "Não ultrapassem o que está escrito". Assim, ninguém se orgulhe a favor de um homem em detrimento de outro. Pois, quem torna você diferente de qualquer outra pessoa? O que você tem que não tenha recebido? E se o recebeu, por que se orgulha, como se assim não fosse?¹³

10 1Coríntios 3.5; *ministro da nova aliança* (2Co 3.6), do *evangelho* (Cl 1.23), de *Deus* e (2Co 6.4) dos *servos de Cristo* (2Co 11.23).

11 Romanos 1.1; Gálatas 1.10; Filipenses 1.1; Tito 1.1

12 1 Coríntios 3.5-10

13 1 Coríntios 4.6-7

A partir dessa a referência a Apolo podemos entender a relação de Paulo com outros treze cooperadores que menciona nominalmente.¹⁴ Essa relação é horizontal, não vertical; é de interdependência e complementação, como fica claro no propósito com que deseja visitar a igreja em Roma: *Anseio vê-los, a fim de compartilhar com vocês algum dom espiritual, para fortalecê-los, isto é, para que eu e vocês sejamos mutuamente encorajados pela fé.*¹⁵ E não podia ser diferente, pois somente uma relação de mutualidade, cooperação e interdependência faz sentido na compreensão de igreja como corpo de Cristo que apresenta mais adiante no capítulo 12 da carta.

Mas resta ainda esclarecer uma afirmação que o apóstolo faz sobre a sua relação com a igreja de Corinto quando pergunta:

*Não sou livre? Não sou apóstolo (=emissário)? Não vi Jesus, nosso Senhor? Não são vocês resultado do meu trabalho no Senhor? Ainda que eu não seja apóstolo (= emissário de Deus) para outros, certamente o sou para vocês! Pois vocês são o selo do meu apostolado (=missão) no Senhor.*¹⁶

A razão desta afirmação reside no fato de que os cristãos em Corinto chegaram à fé por meio de Paulo: *Embora possam ter dez mil tutores em Cristo, vocês não têm muitos pais, pois em Cristo Jesus eu mesmo os gerei por meio do evangelho.*¹⁷ Ele declara: *Vocês mesmos são a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos. Vocês demonstram que são uma carta de Cristo, resultado do nosso ministério (= diakonetheïsa), escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de corações humanos.*¹⁸

Isso não o induz a um sentimento de superioridade, pois Paulo sabe que não pode *reivindicar qualquer coisa com base em seus próprios méritos*, pois a sua *capacidade vem de Deus*. Ele o *capacitou para ser ministro (= diakonos) de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; pois a letra mata, mas o Espírito vivifica.*¹⁹ Por isso ele não se impõe autoritariamente, mas ensina, argumenta, admoesta e convida ao seguimento:

*Portanto, suplico-lhes que sejam meus imitadores. Por essa razão estou lhes enviando Timóteo, meu filho amado e fiel no Senhor, o qual lhes trará à lembrança a minha maneira de viver em Cristo Jesus, de acordo com o que eu ensino por toda parte, em todas as igrejas. ... Que é que vocês querem? Devo ir a vocês com vara, ou com amor e espírito de mansidão?*²⁰

14 Priscila e Áqüila (Rm 16:3); Urbano (Rm 16:9); Timóteo (Rm 16:21; 1Ts 3.2); Epafrodito (Fp 2.25); Epafras (Cl 1.7); Tíquico (Cl 4.7); Filemom (Fm 1); Marcos, Aristarco, Demas, Lucas (Fm 23) e Jesus (Cl 4.10-11).

15 Romanos 1.11-13

16 1 Coríntios 9.1-2

17 1 Coríntios 4.15

18 2 Coríntios 3.2-3

19 2 Coríntios 3.4-6

20 1 Coríntios 4.16-17,21

3. As implicações pessoais do chamado

A recomendação de que os coríntios devam *imitar a maneira* de Paulo *viver em Cristo* nos remete a sondar, por fim, no que implica o chamado de Deus para a vida pessoal de quem é chamado. Paulo nos oferece três descrições concisas e desconcertantes do que o chamado acarretou para ele:

Porque me parece que Deus nos colocou a nós, os apóstolos, em último lugar, como condenados à morte. Viemos a ser um espetáculo para o mundo, tanto diante de anjos como de homens. ¹⁰Nós somos loucos por causa de Cristo...! Nós somos fracos, ... nós somos desprezados! ¹¹Até agora estamos passando fome, sede e necessidade de roupas, estamos sendo tratados brutalmente, não temos residência certa e ¹²trabalhamos arduamente com nossas próprias mãos. Quando somos amaldiçoados, abençoamos; quando perseguidos, suportamos; ¹³ quando caluniados, respondemos amavelmente. Até agora nos tornamos a escória da terra, o lixo do mundo.²¹

Não damos motivo de escândalo a ninguém, em circunstância alguma, para que o nosso ministério não caia em descrédito. ⁴Ao contrário, como servos de Deus, recomendamos-nos de todas as formas: em muita perseverança; em sofrimentos, privações e tristezas; ⁵em açoites, prisões e tumultos; em trabalhos árduos, noites sem dormir e jejuns; ⁶em pureza, conhecimento, paciência e bondade; no Espírito Santo e no amor sincero; ⁷na palavra da verdade e no poder de Deus; com as armas da justiça, quer de ataque, quer de defesa; ⁸por honra e por desonra; por difamação e por boa fama; tidos por enganadores, sendo verdadeiros; ⁹como desconhecidos, apesar de bem conhecidos; como morrendo, mas eis que vivemos; espancados, mas não mortos; ¹⁰entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo muitos outros; nada tendo, mas possuindo tudo.²²

....São eles servos de Cristo? - estou fora de mim para falar desta forma - eu ainda mais: trabalhei muito mais, fui encarcerado mais vezes, fui açoitado mais severamente e exposto à morte repetidas vezes. ²⁴Cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove açoites. ²⁵Três vezes fui golpeado com varas, uma vez apedrejado, três vezes sofri naufrágio, passei uma noite e um dia exposto à fúria do mar. ²⁶Estive continuamente viajando de uma parte a outra, enfrentei perigos nos rios, perigos de assaltantes, perigos dos meus compatriotas, perigos dos gentios; perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, e perigos dos falsos irmãos. ²⁷Trabalhei arduamente; muitas vezes fiquei sem dormir, passei fome e sede, e muitas vezes fiquei em jejum; suportei frio e nudez. ²⁸Além disso, enfrento diariamente uma pressão interior, a saber, a minha preocupação com todas as igrejas. ²⁹Quem está fraco, que eu não me sinta fraco? Quem não se escandaliza, que eu não me queime por dentro?²³

Por isso ele escreve aos tessalonicenses:

Embora, como apóstolos de Cristo, pudéssemos ter sido um peso, fomos bondosos quando estávamos entre vocês, como uma mãe que cuida dos próprios filhos. ⁸Sentindo, assim, tanta afeição por vocês, decidimos dar-lhes não somente o evangelho de Deus, mas também a nossa própria vida, porque vocês se tornaram

21 1 Coríntios 4.9-13

22 2 Coríntios 6.3-10

23 2 Coríntios 11.23-29

muito amados por nós. ⁹Irmãos, certamente vocês se lembram do nosso trabalho esgotante e da nossa fadiga; trabalhamos noite e dia para não sermos pesados a ninguém, enquanto lhes pregávamos o evangelho de Deus.²⁴

Para com os coríntios ele continua disposto a não ser-lhes um peso mesmo quando a igreja já está estabelecida há anos:

Agora, estou pronto para visitá-los pela terceira vez e não lhes serei um peso, porque o que desejo não são os seus bens, mas vocês mesmos. Além disso, os filhos não devem ajuntar riquezas para os pais, mas os pais para os filhos. ¹⁵Assim, de boa vontade, por amor de vocês, gastarei tudo o que tenho e também me desgastarei pessoalmente.²⁵

Paulo sabe que o Senhor ordenou àqueles que pregam o evangelho, que vivam do evangelho (1Co 9.14), porém, insiste:

... eu não tenho usado de nenhum desses direitos. Não estou escrevendo na esperança de que vocês façam isso por mim. Prefiro morrer a permitir que alguém me prive deste meu orgulho. ¹⁶Contudo, quando prego o evangelho, não posso me orgulhar, pois me é imposta a necessidade de pregar. Ai de mim se não pregar o evangelho! ¹⁷Porque, se prego de livre vontade, tenho recompensa; contudo, como prego por obrigação, estou simplesmente cumprindo uma incumbência a mim confiada. ¹⁸Qual é, pois, a minha recompensa? Apenas esta: que, pregando o evangelho, eu o apresente gratuitamente, não usando, assim, dos meus direitos ao pregá-lo.²⁶

Paulo suporta e faz tudo isso com propósito de ganhar o maior número possível de pessoas para o evangelho:

Porque, embora seja livre de todos, fiz-me escravo de todos, para ganhar o maior número possível de pessoas. ²⁰Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus. ... ²¹Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei ..., a fim de ganhar os que não têm a Lei. ²²Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns. ²³Faço tudo isso por causa do evangelho, para ser coparticipante dele.²⁷

Mesmo vivendo assim em Cristo Jesus, Paulo sabe que não é ele e que também não o serão os irmãos que avaliarão se ele correspondeu ao chamado com fidelidade:

O que se requer destes encarregados é que sejam fiéis. ³Pouco me importa ser julgado por vocês ou por qualquer tribunal humano; de fato, nem eu julgo a mim mesmo. ⁴Embora em nada minha consciência me acuse, nem por isso justifico a mim mesmo; o Senhor é quem me julga. ⁵Portanto, não julguem nada antes da hora devida; esperem até que o Senhor venha. Ele trará à luz o que está oculto nas trevas e manifestará as intenções dos corações. Nessa ocasião, cada um receberá de Deus a sua aprovação.²⁸

24 1 Tessalonicense 2.7-9

25 2 Coríntios 12.14s.

26 1 Coríntios 9.15-18

27 1 Coríntios 9.19-23

28 1 Coríntios 4.2-5

Por isso veja cada um como constrói. Porque ninguém pode colocar outro alicerce além do que já foi posto, que é Cristo Jesus... sua obra será mostrada, porque o Dia a trará à luz; pois será revelada pelo fogo, que provará a qualidade da obra de cada um (1Co 3.10ss).

Em Romanos 7 Paulo mostra que está consciente de que o maior obstáculo do chamado não são os outros e nem as circunstâncias, mas o seu próprio coração. Por isto se disciplina como um atleta:

Corram de tal modo que alcancem o prêmio. ²⁵ ... ²⁶ Sendo assim, não corro como quem corre sem alvo, e não luto como quem esmurra o ar. ²⁷ Mas esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo, para que, depois de ter pregado aos outros, eu mesmo não venha a ser reprovado.²⁹

É neste sentido domínio próprio e abnegação alegre e voluntária Paulo *suplica* aos seus leitores que sejam seus *imitadores* (1Co 4.16) como ele o é *de Cristo* (1Co 11.1).³⁰

29 1 Coríntios 9.24-27

30 Cf. tb. Fp 3.17; 1Ts 1.6; 2.14; Ef.5.1